



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR  
(ORGANIZADOR)

# FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR  
(ORGANIZADOR)

# FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F339	<p>Fenomenologia e cultura [recurso eletrônico] : identidades e representações sociais / Organizador Helton Rangel Coutinho Junior. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-078-0            DOI 10.22533/at.ed.780202805</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Fenomenologia. 3. Identidades. I.Coutinho, Helton Rangel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 323</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book Fenomenologia e Cultura: Identidades e Representações Sociais apresentará dez artigos relacionados a uma diversidade de temáticas que se espraiam em nossos cotidianos de diferentes formas. Antes de iniciar sua leitura cabe uma breve ponderação sobre os conceitos implicados.

Fenomenologia é aqui compreendida como o desvelar de agentes inerentes a fenômenos sociais que permitem a melhor compreensão das relações instituídas nas arenas coletivas. Prima por caracterizações que extrapolem as noções de conflito inerentes a uma situação de exploração decorrente de um sistema de produção, muito comum nas leituras marxianas. Atem-se, principalmente, a dados que permitam aos leitores, por si sós, descreverem e reterem informações referentes ao universo que se abre com as apreciações de materiais coletados expostos de forma a aguçar o espírito crítico e investigador.

Desta feita, todos os artigos presentes englobam aspectos relacionados a formação de identidades e representações sociais em um campo cultural. Cultura é então percebida como o conjunto de valores e práticas sociais vertidas diante de um contexto social. Identidade implica na concepção de projetos de vida que se atrelem a construção de projetos societários. Enquanto representações sociais se referem aos níveis de performance, linguagens, uso da língua, posturas e retratações que infiram percepções sobre identidades e elementos de dados momentos da nossa história e da trajetória de nossas instituições.

Mas calma, no capítulo 1 será esmiuçado um pouco das bibliografias pertinentes aos conceitos de fenomenologia e cultura em suas possibilidades correlatas. Já os capítulos 2 ao 7 referendam experiências práticas relacionadas ao campo da educação em sua multiplicidade de abordagens possíveis, destacando, principalmente, consequentes relacionados a nossa miscigenação cultural e os tensionamentos postos pela valorização dessa que envolvem desde a ressignificação de noções de pertencimento a raízes africanas até questões de gênero decorrentes do perfil de professores.

Em consequente, dos capítulos 8 ao 10, são expostas possibilidades de tratamento do cosmos espraiado por práticas em saúde. Explicitam-se as provocações advindas de todo um ecossistema de fauna e flora, do histórico de algumas fundações em saúde firmadas pela nobreza clerical e dos avanços representados pelos transplantes de órgãos, suas normas e distorções.

Dessarte, os referidos artigos, para sua melhor leitura, perpassam o conceito de hipertexto. Esse requer não só a atenção às narrativas apresentadas por seus autores, mas a percepção de suas interconexões com outras leituras, associações e veículos que lhes dão vida. Salienta-se o conjunto de questões que é trazida

pelo bojo de uma multiplicidade de nuances e repercussões correlatas a realidade hodierna.

Por esse prisma, o elemento cultural marcador, que agrega os diferentes textos aqui apresentados, se relaciona ainda a premente necessidade da multidisciplinaridade de saberes e importância de uma visão integral sobre as arrebações dos viventes e seus dilemas consoante o conjunto de possibilidades postas pelo universo telúrico.

Helton Rangel Coutinho Junior



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ALFRED SCHÜTZ: UM PARADIGMA PARA PENSAR A CULTURA	
<a href="#">José Vitor Lemes Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: UM RESGATE DA CULTURA NEGRA EM PROL DA INSERÇÃO SOCIAL E ELIMINAÇÃO DE RACISMOS E PRECONCEITOS	
<a href="#">Gleides Ander Nonato</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
ASPECTOS CULTURAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: UMA ANÁLISE SOBRE JOÃO PAULO BORGES COELHO	
<a href="#">Patricia de Oliveira Rezende</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA, CONSTRUINDO A ESCOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “DONA ISABEL”, DO MESTRE TONI VARGAS”	
<a href="#">Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/03 NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ	
<a href="#">Nicácia Lina do Carmo</a>	
<a href="#">Leilah Santiago Bufrem</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
O ESPAÇO ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: PERTENCIMENTO E REAFIRMAÇÃO CULTURAL	
<a href="#">Kellison Lima Cavalcante</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
SOBRE PROCESSOS E ELEMENTOS PRESENTES NAS RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES HOMENS NOS ANOS INICIAIS	
<a href="#">Maria da conceição Silva Lima</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
A IMPORTÂNCIA DA INTERSETORIALIDADE NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NA REGIÃO CENTRO SUL DO ESPÍRITO SANTO - BRASIL	
<a href="#">Daniele Custódio Gonçalves das Neves</a>	
<a href="#">Katia Cilene Tabai</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028058</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
AÇÕES DE CONTROLE DA RAIVA ANIMAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA DE SERRA DA MESA, NORTE DE GOIÁS, BRASIL	
Leonardo Aparecido Guimarães Tomaz	
Valéria de Sá Jayme	
Marlon Zortéa	
Aires Manoel de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7802028059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
A LITERATURA DEVOCIONAL OS CUIDADOS A SAÚDE EM PORTUGAL (SÉCS. XV-XVI)	
André Costa Aciole da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78020280510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
ANÁLISE DO TRÁFICO DE ÓRGÃOS SOB O ÂNGULO JURÍDICO-SOCIAL	
Marcela Rodrigues Almeida	
Laís Moreira Barros	
Orisval Paulino Dos Junior Santos	
Renata Botelho Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78020280511</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>135</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>136</b>

## SOBRE PROCESSOS E ELEMENTOS PRESENTES NAS RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES HOMENS NOS ANOS INICIAIS

*Data de aceite: 12/05/2020*

**Maria da conceição Silva Lima**

**RESUMO:** o presente artigo traz um estudo horizontal acerca da construção identitária profissional de professores homens atuantes nos anos iniciais. Como pressuposto, partiu do desafio de retomar uma pesquisa realizada em 2009 com dois professores acerca da opção pela sala de aula, oito anos após sua formação inicial. Ao revisitá-los, observamos que a dinâmica identitária profissional foi sendo processada na experiência com o campo de trabalho que atribuiu-lhes novos contornos em suas falas, reconfigurando-as. Os dados foram analisados na perspectiva da Análise Temática de Bardin (1999). Como resultante, evidenciamos que as representações docentes, cujo universo ainda envolve uma série de estereótipos ligados à maternagem e a forte presença feminina, impactam diretamente na reconfiguração da identidade profissional da profissão, que, por vezes, ocasiona uma fuga e abandono por parte das figuras masculinas do magistério.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade profissional. Magistério. Homens.

### ON PROCESSES AND ELEMENTS PRESENT IN THE IDENTITY RECONFIGURATIONS OF TEACHERS MEN IN INITIAL YEARS

**ABSTRACT:** this article presents a horizontal study about the professional identity construction of working men teachers in the Initial Years. As a presupposition, the challenge of resuming a research conducted in 2009 with two teachers about the option for the classroom, eight years after their Initial Training. When revisiting them, we observed that the professional identity dynamics was being processed in the experience with the field of work, which attributed new contours to their lines, reconfiguring them. The data were analyzed from the perspective of the Thematic Analysis of Bardin (1999). As a result, we show that the teaching representations, whose universe still involves a series of stereotypes related to mothering and the strong female presence, directly impact on the reconfiguration of the professional identity of these subjects, causing an escape and abandonment of the initial identification with the teaching profession.

**KEYWORDS:** Professional identity. Teaching. Men.

## 1 | INTRODUÇÃO

Discutir sobre formação de identidades significa sempre uma tentativa provisória e imprecisa de se compreender a sociedade e as pessoas que a constituem. Nesse sentido, o que podemos tomar por identidade, e, em que medida, ela afeta a formação identitária profissional de professores homens atuantes nos anos iniciais?

De acordo os Estudos Culturais, a noção mais aproximada de identidade seria a de uma espécie de exteriorização, um fragmento temporário e representativo do sujeito. Tal afirmação, conforme pontuado por Hall (2001), considera que sua configuração é operada em articulação com o espaço-tempo, o que a faz extremamente vulnerável aos contextos a que é submetida, tornando-a efêmera. Nesse sentido, as certezas e afirmações de si como sujeitos tornam-se voláteis, de maneira que inúmeras alterações podem ser operadas, indiciando novos direcionamentos, rendendo à identidade contínuas reconfigurações.

Portanto, do ponto de vista da definição, o conceito de identidade tende a ser pouco palpável, sendo apenas uma expressão momentânea e não rígida de elementos de pertença e apego, podendo coexistir inúmeras identidades em articulação, sem que, necessariamente, uma suceda a outra. O que implica dizer que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas» (HALL, 2011, p. 13). E, nesse sentido, o elemento cultural também ganha destaque.

Segundo Dubar (1991,2005), cada indivíduo opera seus arranjos identitários dentro de um sistema particular e articulador de elementos. Tal aparato compreende não apenas referências primárias, advindas de nossas socializações iniciais, a exemplo da herança cultural familiar, como também, secundárias, que são fruto de nossas interações junto à sociedade.

Dessarte, Hall (1997) ratifica a importância da cultura enquanto instrumento de afirmação pessoal e coletivo, sobretudo, ao respaldar ou não, as identidades dentro de seu sistema alegórico, no qual cada sujeito toma um posicionamento e se faz reconhecer pelo outro. Para Woodward (2009), ela funciona como balizador das identidades, mediando a relação indivíduo-coletivo, implicando leituras prévias de comportamentos e de posturas, a partir de símbolos compartilhados, e que ao mesmo tempo, funcionam como localizadores do sujeito em termos de atributos, diferencia-o ou aproximando-o dos demais, num misto de pertença e exclusão.

Portanto, a identidade pode ser tomada pelas afirmações sobre si, principiada em diferenciações do outro, numa marcação social indicativa de quem somos e com o que nos identificamos, sendo caracterizada por “pontos de apego temporários às posições de sujeito” (SILVA, 2000, p.112). Dessa maneira, ocorre uma dinâmica dual, entre idas e vindas, (re)feita cotidianamente no âmbito das relações sociais e

das infinitas informações e conhecimentos que nos chegam na contemporaneidade.

Assim, ao entendermos uma formação identitária principiada por processos de construções e rupturas, atribuímos ao sujeito a qualidade de ator ativo em suas escolhas e rejeições, aproximações ou distanciamentos, adaptações, crises e superações. Tais cenários não abarcam apenas a vida particular, como também, têm penetrações na vida laboral, podendo acarretar tanto escolhas quanto redirecionamentos profissionais.

Dessa maneira, Dubar (1991,2005) alega que ao elegermos uma atividade profissional, inúmeros elementos são considerados. Esses englobam a representação em termos de *status* associado e passam por inclinações pessoais e operacionais em que essa escolha é realizada, por exemplo. Tal compreensão indica que nenhuma escolha profissional é realizada aleatoriamente. Antes, ela é feita em conformidade com as condições momentâneas de interesse/desinteresse que podem ter seus desdobramentos sentidos posteriormente, na medida em que esse profissional adentra e interage com os atores e com os jogos de poder pertinentes ao campo de atuação.

Para o autor citado, a construção das identidades profissionais não se encerra na formação inicial, sendo transformada por situações de crises e conflitos relacionados ao cotidiano do espaço de trabalho. No embate entre uma identidade prescrita ou idealizada na formação e uma identidade real vivenciada com os pares no campo de atuação. Portanto, Dubar (2012) entende que um recém-formado, ao entrar no mercado de trabalho, passa por uma (re)conversão à realidade, à cultura do grupo laboral, ocorrendo uma releitura de suas escolhas, levando-o a uma confirmação, ou ao abandono da profissão.

E, é nessa interlocução entre a cultura e o campo de trabalho que situamos o nosso objeto de pesquisa. Afinal, falar de professores homens em salas de aula com crianças ainda soa pitoresco, para não dizer controverso, se levarmos em consideração que, no Brasil, ainda existe uma imagem da docência, nesse segmento de ensino principalmente, atrelada à figura da mulher-mãe-cuidadora (ARCE, 1997; SAYÃO, 2005).

Assim, reiterada é a referência expressa a elementos de gênero que endossam um modelo excludente de figuras masculinas em salas de aula, tornando aqueles que conseguem vencer essa barreira figuras fundamentais para a compreensão das relações profissionais dentro do grupo docente e da sociedade como um todo. Ainda mais, se tivermos em conta que o Censo do Professor, no ano de 2007, apontou que apenas 5,1% dos professores atuantes em creches, pré-escolas e anos iniciais eram do sexo masculino.

Tal fato nos fez investigar como os nossos sujeitos de pesquisa se relacionam com essa realidade, com fins a compreendermos como ela interfere ou não em suas



escolhas e atuações profissionais, permitindo revelar elementos e contraposições expressos dentro dos processos (re)configuratórios de marcos da profissão docente na contemporaneidade.

## 2 | SOBRE OS ENTREVISTADOS E O PROCESSO DE PESQUISA

No ano de 2009 foi realizada uma pesquisa acerca das pretensões profissionais de 66 estudantes homens, matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. O objetivo era evidenciar as identificações dos estudantes com o curso e com o magistério, indicando elementos presentes nesse contexto.

Em linhas gerais, esses indivíduos estavam na faixa entre 24 e 33 anos, possuíam filhos, já atuavam no mercado de trabalho em áreas não conexas à educação, e, em sua maioria, estudavam no horário noturno. Detectamos também que os contatos com a escola e com a sala de aula ocorreram pela primeira vez no âmbito das disciplinas de Estágio Supervisionado, e nem sempre foram encaradas de maneira positiva.

Os dados revelaram uma resistência, de cerca de 81,8% dos sujeitos, ou seja, 54 estudantes pesquisados, em pensarem futuras atuações no âmbito da sala de aula, o que em si, já poderia ser considerado como algo relevante. Aos termos em conta que o curso em tela tem como eixo privilegiado a formação de professores para educação infantil e anos iniciais. A inclinação e expectativa dos referidos estudantes se relacionavam majoritariamente a inserções em ambientes expressos por ONGs e/ou empresas.

Ainda assim, sobrerresta notar que os estudantes apresentaram identificações com a área educacional, mas não necessariamente com a docência. Em contrapartida, 10% dos pesquisados que almejavam a sala de aula também cogitaram mudar para outras atividades, conforme o nível de aceitação ou de identificação com a escola. É para esse grupo que essa nova investigação está voltada.

Oito anos passados após o contato inicial, tentamos localizar novamente 06 estudantes que se prontificaram a atuar em salas de aula, numa perspectiva de estudo longitudinal, com vistas à investigação dos processos de (re)construção de identidades ocorridas a partir impacto da inserção no mercado de trabalho entre aqueles que fizeram a opção profissional pela sala de aula. Contudo, só conseguimos localizar dois, aqui chamados de *professor Aldo* e *professor Beto*.

O objetivo desse novo reencontro foi identificar elementos de conflito, mudança ou ratificação da opção profissional. E, para tal, conduzimos o processo a partir de três perguntas norteadoras: *Quais expectativas iniciais foram efetivamente realizadas nesses anos como docente? Qual o balanço que fazem das transformações em*

*suas identidades profissionais? Como definem hoje a sua identidade profissional?*

Os professores apresentaram os seguintes perfis:

- **Professor Aldo**- 38 anos, estudou a vida toda em escola pública, formou-se em Pedagogia, embora já tenha prestado vestibulares anteriores para Administração. Fez uma pós-graduação em Gestão Educacional. À época do segundo encontro, trabalhava como coordenador pedagógico em uma escola.
- **Professor Beto**- 32 anos, estudou em escola particular, formou-se em Pedagogia, que foi sua primeira opção de vestibular, fez uma pós-graduação em Gestão e Administração Escolar. À época do segundo encontro, atuava como coordenador de cursos técnicos.

A dinâmica foi estabelecida em dois momentos: no primeiro, foram realizadas entrevistas a partir das perguntas norteadoras. No segundo, os entrevistados foram convidados a relerem suas respostas dos questionários que responderam, em 2009, para assim, realizarem suas próprias reflexões. Momento em que puderam ponderar sobre o passado e o presente e vislumbrar os conflitos e crises dentro do campo de trabalho docente, refletindo então sobre fatos que fizeram rever, ou não, suas ideias iniciais.

Esse movimento nos permitiu detectar aspectos que se desenrolam com o passar do tempo na formação de identidades e que constituem esse estudo como algo que pode ser analisado a contento da contemplação de provisoriedades. Pois, conforme indicado por Josso (2004), há uma tênue fronteira na investigação sobre identidades profissionais de professores, que unem o passado e o presente, numa perspectiva analítica de futuro. Para a autora, cada professor agrega ao seu processo pessoal de construção da profissão suas histórias de vida, que vão direcionando novas afirmações e refutações, daí o caráter de provisoriedade. Então, na medida em que um professor vai tomando parte de novos processos de interação em sua vida profissional e pessoal, tende a alterar suas percepções de si próprio e de seu trabalho, conseqüentemente, fato que será melhor exposto a seguir.

### 3 | SOBRE EXPECTATIVAS E REALIDADES: A IDENTIDADE EM TRANSIÇÃO

De acordo com Tardif (2002), os primeiros anos de atuação no magistério são cruciais para a permanência dos docentes na profissão. Os processos de crises ou de choques de realidades (LOPES, 2006) pelos quais esses iniciantes passam afetam diretamente a identidade projetada para atuação em sala de aula. Assim, ao reencontrarmos nossos sujeitos de pesquisa oito anos após o primeiro contato, observamos de imediato que ambos, ao contrário da perspectiva inicial, não estavam lecionando em sala de aula, como anteriormente pretendido, mas atuavam como coordenadores pedagógicos.

Ao serem inquiridos sobre o que mudou em relação às projeções iniciais,

os dois suscitaram experiências e dificuldades de aceitação por parte de escolas particulares, e uma espécie de tendência desses estabelecimentos à efetivação em cargos administrativos, conforme depoimentos.

Naquela época que a gente conversou, mesmo eu sabendo que seria complicado, não pensei que fosse tanto. Como nunca atuei antes em escola nenhuma, não sabia exatamente como seria esse embate. Enfim, pensei que em escolas de alto poder aquisitivo fosse diferente. Coloquei alguns currículos e fui chamado para entrevistas, mas toda vez que eu chegava lá, era pra cargos de coordenação, gestão (Professor A).

Acho que eu entrei muito cedo na faculdade. Não imaginava como seria isso [risos!]. As pessoas na faculdade já estranhavam eu querer ser professor, e olhe que eu até atuei por seis meses, tranquilamente, num estágio com crianças. Mesmo eu colocando isso, uma diretora me disse numa entrevista que seria bem difícil. Então, aqui estou (Professor B).

Os depoimentos acima mostram que, embora tenham tentado de alguma maneira atuar como docentes, houve resistência das escolas em aceitá-los, conduzindo os processos seletivos para o âmbito da atuação administrativa. Sobre esse aspecto, ao analisar o discurso de diretores e gestores acerca da presença masculina no magistério, Abreu (2003) identificou que o gênero feminino tem prioridade para a contratação nas primeiras etapas da Educação Básica, conforme fragmento do depoimento dado por uma diretora:

Um dos nossos critérios para admissão de professores é não contratar homens para trabalhar com crianças. Do ensino infantil até a 5ª série só admitimos mulheres e de preferência que sejam mães, porque é consenso entre nós (direção e coordenação) de que o homem não tem jeito para lidar com as crianças, não tem a mesma afetividade da mulher, observados nas relações entre professor(a) e aluno(a) (ABREU, 2003, p.14).

Entendemos que os relatos apresentados representem um panorama de como a docência é ainda hoje sectária em termos de gênero, o que acaba por direcionar professores do sexo masculino para assumirem outros cargos dentro do ambiente escolar, supostamente mais condizente com o estereótipo de poder e de comando, a exemplo da Coordenação ou Gestão Pedagógica.

Ainda, conforme relatado por Cardoso (2007), existe uma tendência de que sejam dadas “maiores oportunidades aos homens para que eles abandonem a sala de aula a fim de ocupar cargos de administração, chefia, ou aqueles mais próximos a um padrão social de masculinidade” (ibidem, p.11). Dentro dos contextos apresentados, podemos inferir a forte influência dos aspectos culturais que nomeiam e representam o masculino e o feminino em nossa sociedade, extrapolando os limites das relações sociais, impactando também o mundo do trabalho.

Contudo, por serem instáveis, os processos de construção de identidades também estão a mercê de novas identificações. Foi dessa maneira que professor Aldo justificou a sua permanência na coordenação escolar.

Então, como eu precisava trabalhar, eu acabei aceitando coordenar, e vi que realmente era o que queria, porque, você sabe, trabalhar com o Fundamental I é fogo. De certa forma, acho que onde estou é mais tranquilo do que em sala de aula, acabei me identificando nisso, eu acho. (PROFESSOR ALDO)

Diante desse depoimento, ficou explícito que embora as identificações iniciais com uma profissão sirvam para nortear algumas escolhas, nem sempre elas se colocam de forma permanente, permitindo flexibilizações. No caso em tela, o docente expõe toda maleabilidade e capacidade adaptativa que as identidades profissionais podem sofrer, corroborando para que antigas certezas sejam reelaboradas no cotidiano do campo de atuação profissional (DUBAR, 2005).

Por outro lado, no caso específico de homens e docência, temos que considerar que, muitas vezes, tais percursos são seguidos muito mais em virtude de contingências, do que propriamente vontade. Além disso, salientamos que conforme expôs o professor Aldo, a necessidade de trabalhar, em algumas ocasiões, pode conduzir a mudanças de rota, sobretudo, dentro de um grupo de indivíduos que recebe pressões para serem provedores, exigindo assim uma rápida inserção no mercado produtivo, em comparação com as mulheres.

Sobre tal fato, o professor Beto relatou que ainda sentia vontade de atuar no magistério, mesmo que tenha gostado de trabalhar como coordenador de cursos técnicos:

Quando eu tive minha experiência de estágio, adorei o contato com as crianças. Mas, como eu vi que a coisa não ia rolar, me dei a oportunidade de trabalhar com coordenação de cursos técnicos, gostei. Então, hoje eu acho legal o meu trabalho, mas penso em fazer um concurso na área. Eu estudei e gostaria de ser professor, mas o que pesa mesmo é eu ter um dinheiro fixo todo mês. E, eu também acho que lá terei mais oportunidade de ir para sala de aula, mas eu não quero ir com os meninos muito pequenos não. Queria que eles fossem maiorzinhos, pequenos não seria minha praia. (PROFESSOR BETO).

O professor Beto em sua fala apresentou uma articulação entre as distintas facetas identitárias que podem habitar nos sujeitos. O fato de estar na coordenação e de gostar de atuar nesse segmento não implicou uma ruptura definitiva com antigas pertencas, aqui exemplificadas no desejo de ir para sala de aula. Tal perspectiva é entendida, de acordo com Bauman (2001), em virtude das identidades serem fluídas, sem necessariamente terem sua formação atual principiada pela total exclusão de antigas formações.

Esse hibridismo, termo defendido por Canclini (2008) ao se referir aos processos constitutivos identitários, faz com que os sujeitos se reagrupem em suas antigas e novas identificações, de maneira a achar um posicionamento mais cômodo diante das novas exigências. A identidade projeta-se, configura-se, refaz-se, desfaz-se, enfim, nada fica definitivamente acabado, podendo muitas identidades viver articuladas, formando arranjos.

Em termos de como os professores Aldo e Beto encaram tais mudanças, percebemos que eles se mostraram aparentemente satisfeitos com a atividade, com destaque para o professor Beto, que ainda mantém interesse em ir pra sala de aula mediante aprovação em concurso público, visto, ser essa via a que pode lhe garantir a referida inserção posto o universo que encontrou nas instituições particulares.

Ressaltamos também, nesse fragmento, seu desejo de trabalhar com alunos de maior faixa etária, o que pode estar ligado ao conceito de cuidados que cerca a educação infantil, conforme apontou Cardoso (2007). Uma das estratégias de inserção e adaptação daqueles docentes que não querem abandonar a sala de aula para cargos burocráticos, mas que não se identificam com alunos menores pode ser essa.

Ao serem questionados acerca da relação que fazem entre as perspectivas iniciais e a presente condição profissional, houve, de ambas as partes, um momento de reflexão e as respostas não foram tão imediatas.

Bem, acho que a gente faz uns planos e nem sempre eles saem como queremos. Hoje eu tenho outra realidade, fui pai e tenho que pensar nisso também. Acho que como coordenador, eu tenha talvez maior qualidade de vida, posso curtir mais meu pirralha, minha mulher, é isso. (PROFESSOR ALDO)

Ainda acho um absurdo não poder atuar na minha área de formação pelo fato de ser homem, mas eu também gosto do que faço agora. O público é diferente. Eu preciso organizar a vida de muita gente, porque você sabe, né? Coordenador é um faz tudo na verdade, a gente fica no fogo cruzado, mas eu estou gostando. (PROFESSOR BETO)

Em relação a como se definem em termos de identidade profissional, o magistério não é mais vislumbrado pelo professor Aldo. Já para o professor Beto, essa passou a ser uma opção também como garantia de uma estabilidade financeira.

Engraçado, quando você me chamou para gente conversar depois de tanto tempo, achei estranho, mas ao mesmo tempo fiquei curioso com a proposta de rever as respostas, nem me lembrava mais. Agora, lendo o que eu respondi, percebo como eu mudei, sabe? Acho que durante o curso, a gente se apaixona muito pelas ideias. Quando a gente bota o pé aqui fora, é que vemos que a coisa é outra. Há muito preconceito envolvendo a gente. Chega a ser bizarro. Hoje eu quero ser coordenador, gestor. Tenho botado currículos também em empresas. Não me vejo mais em sala de aula e planejando aulas. Poxa, mudei mesmo! (PROFESSOR ALDO)

Eita, acho que eu era bem idealista, né? [risos!!!] Esses anos de D.A<sup>1</sup>. me fizeram assim. Não que hoje eu não pense em dar aulas, mas é que aquele fogo de revolucionar, essas coisas, eu não tenho muito. Acho que dentro de uma prefeitura, eu consiga trabalhar melhor em sala de aula, acho as pessoas não teriam tanta frescura. Mas, em relação a como me sinto agora, em termos da minha profissão, eu estou bem. Sou coordenador, e é isso. (PROFESSOR BETO)

**Os professores, de acordo com os depoimentos acima, ao serem confrontados**

---

1. Diretório Acadêmico



com as respostas dadas há oito anos atrás, revelaram surpresa com a mudança em suas identidades profissionais. Compararam as expectativas e influências iniciais com a realidade em que estavam mergulhados na atualidade. Deram-se conta do quanto suas identidades foram reformuladas, e que as projeções de agora buscam uma aproximação maior com a área de gestão e coordenação escolar.

Contudo, podemos perceber em meios aos discursos, a menção aos preconceitos enfrentados diante da opção de homens pela sala de aula, o que nesses casos, pode ter sido o fator de afastamento e redirecionamento profissional de Aldo e Beto. De acordo com um estudo implementado por Rabêlo (2013) envolvendo figuras masculinas na Pedagogia, a opção pelo magistério se realiza não apenas por questões intrínsecas de identificação com a atividade. Ela também considera os elementos extrínsecos aos sujeitos, relacionados a como a sociedade vê cada profissional e delinea suas possibilidades de sucesso na área inicialmente pretendida.

A referida autora afirmou que “no Rio de Janeiro, por exemplo, ouvimos declarações preconceituosas até mesmo por parte dos setores administrativos da educação, insinuando que só havia professores homossexuais nesse segmento” (RABELO, 2013, p. 914). Tal assertiva nos faz refletir acerca de possíveis resistências e preconceitos que ainda persistem em determinados setores da vida produtiva, afetando diretamente as expectativas de futuros profissionais.

No caso específico do magistério, entendemos, a partir dos depoimentos dos professores Aldo e Beto, que essas configurações sociais os levaram a outros rumos profissionais, adequando suas identificações às oportunidades surgidas. Contudo, em um país que carece de profissionais comprometidos e dedicados à docência, estereotipar o trabalho de homens e de mulheres tendo como base, não a capacidade profissional, mas antigas construções binárias que determinavam o lugar de homens e de mulheres no mundo do trabalho é um preconceito que deve ser ultrapassado.

Além do que, entendemos que tal postura enfraquece a noção de profissionalidade adquirida mediante a formação adequada e da aquisição de saberes que permitem ao profissional habilitado o pleno exercício de suas funções. Em se tratando da docência, entendemos que tais posturas colaboram contra o reconhecimento da função para além de vocação, dom ou maternagem, agregando um caráter mais profissional aqueles que a desempenham.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizarmos esse trabalho algumas considerações podem ser tecidas. A principal remete a um entendimento não estático e linear dos processos de

construção de identidades. Considerou-se não apenas o fato de nossos sujeitos terem cambiado suas pretensões iniciais, como também, a identificação desses com novos elementos e situações estabelecidos *no e pelo* campo de atuação.

O fato de não abandonarem a área educacional demonstrou, em nosso entendimento, uma permanência de identificações iniciais, embora essas tenham sido reconfiguradas no decorrer de suas trajetórias, aparentemente muito mais pela falta de oportunidade de atuar em sala de aula, do que, propriamente, pela vontade inicial dos professores. Isso indica os conflitos envolvendo a aceitação de homens na docência no Brasil vai muito além da suposta falta de atratividade desses em relação ao magistério, mas estão situados na ausência de uma estrutura de pensamento social que aprove e legitime tal escolha, de forma a oportunizar a experiência em sala de aula.

Tal comprovação foi confirmada nos depoimentos que delinearam a resistência em se ter homens atuando no magistério na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, enquanto expressão de um ranço que envolve construções de gênero e o setor educacional (LOURO, 1997), cujos desdobramentos ainda ocasionam clivagens entre homens e mulheres.

Quanto ao balanço que os nossos entrevistados fizeram desses oito anos, notamos certa frustração quando os professores revelaram situações nas entrevistas de emprego para o cargo de docente. No entanto, mostraram-se satisfeitos com a situação profissional atual, o que nos leva a compreensão de que o campo de trabalho também é formador de novas identidades profissionais, cuja posição foi destacada nas trajetórias profissionais de Aldo e Beto.

Em linhas gerais, pudemos observar que a dinâmica identitária opera em várias direções, dependendo dos contextos a que são submetidas. No caso do professor Aldo, ela possibilitou uma aproximação com a coordenação, área não contemplada como campo de interesse durante a Formação Inicial, mas que se configurou numa opção satisfatória ao mesmo, que não cogita mais a possibilidade de ir para sala de aula.

Em relação ao professor Beto, a docência ainda aparece em seus planos, mas está muito relacionada aos aspectos de estabilidade financeira do concurso público para o magistério, embora ainda transpareça identificação com a sala de aula com alunos maiores. E, isso nos revelou uma articulação em que antigas e novas perspectivas profissionais podem caminhar lado a lado, podendo ser ativadas conforme o contexto.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira. *O Masculino Nos Caminhos da Docência Primária em Teresina (Pi)* –

(1970-2000). 2002. Disponível em [www.ufpi.br/mesteduc/eventos/enconctros/GT-02-06.htm](http://www.ufpi.br/mesteduc/eventos/enconctros/GT-02-06.htm) acesso em 10/03/2018.

ARCE, A. *Jardineira, Tia e Professorinha: a realidade dos mitos*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 1997. 128 p.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? *A identidade de professores homens na docência com crianças*. In: ANPEd: 30 anos de pesquisa e compromisso social. Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro, 2007.

DUBAR, Claude *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação* Lisboa: Porto Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. Lisboa: Porto Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. *A construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional* In Cadernos de Pesquisa vol 42, n.146, p 351-357, 2012.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* In Educação e Realidade. Jul-dez. 1997 disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514> acesso 01/04/2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004

LOPES, Amélia. *Da formação à profissão – choque da realidade ou realidade chocante?* In: ALONSO, M. L.; ROLDÃO, M. C. Ser professor do 1º ciclo – construindo a profissão. Coimbra, 2006. p. 85-92.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação - uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RABELO, Amanda. *Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental* Educação e. Pesquisa., São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925 out./dez. 2013

SAYÃO, Debora T. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - UFSC, Florianópolis, 2005..

SILVA, Thomas T. da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* In: SILVA, Thomas T. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR** - Possui graduação em Serviço Social, História e Direito pelas instituições Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Estácio de Sá, respectivamente. Possui ainda especializações nas áreas de Historiografia Brasileira, Direito Constitucional (ambas pela Faculdade Venda Nova do Imigrante- ES) e Sociologia Urbana (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela linha de pesquisa “Questões socioambientais, urbanas e formas de resistência social”. Atualmente cursa Letras junto a Universidade Cruzeiro do Sul e participa de projeto de extensão das Editoras parceiras Universidade do Livro/UNESP- Universidade Estadual Paulista com fins ao aprofundamento de elementos relacionados a editoração, preparo e produção de textos em suas diferentes modalidades. E-mail: heltonrcj@hotmail.com

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afrodescendência 58, 64  
Agricultura Familiar 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90  
Alfred Schütz 1, 2, 9, 12  
Apiacá 78, 79, 82, 83, 84, 85  
Aprendizagem 10, 38, 48, 63  
Assistência 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 120, 121, 122, 128  
Atílio Vivacqua 78, 79, 82, 83, 84, 85

### C

Cacheiro de Itapemirim 78, 79  
Cachoeiro de Itapemirim 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90  
Camundongos 92, 96, 97  
Capoeira 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48  
Castelo 78, 79, 82, 83, 84, 85  
Crime Organizado 123, 125, 126, 133  
Cultura 1, 2, 4, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 77, 80, 108, 114, 115, 116, 120, 121, 122

### D

Dignidade humana 125, 132, 133  
Direito Penal 123  
Diversidade 18, 20, 22, 23, 24, 27, 33, 39, 48, 59, 60, 62, 80, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 98, 100, 101, 104, 107, 109, 132

### E

Educação 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 30, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 65, 66, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 104, 110  
Enfermos 110, 111, 114, 115, 117, 119  
Ensino 17, 18, 19, 23, 38, 39, 40, 47, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 69, 72, 76, 77, 80, 89  
Epidemiologia 90, 92, 93, 94, 103  
Escola 16, 17, 19, 23, 38, 39, 43, 46, 48, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 70, 71, 72, 96, 107  
Espírito Santo 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86



## F

Foucault 38, 39, 44, 49, 61

## G

Goiás 95, 98, 102, 104, 106, 107, 108, 110, 123

## H

Hospitais 110, 111, 114, 116, 117, 119, 120, 126, 133

## I

Idade Média 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121

Intersetorialidade 78, 80, 81, 89, 90

## J

Jerônimo Monteiro 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

## L

Lei 10.639/03 23, 39, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Literatura Africana 14, 21, 22

Literatura devocional 110, 119

## M

Max Weber 2, 9

Mimoso do Sul 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

Ministério da Educação 23, 38, 49, 57, 80

Morcegos 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Muqui 78, 79, 82, 83, 84, 85

## P

Patrimônio 38

PNAE 78, 79, 80, 81, 82, 86, 88, 90

Políticas Públicas Intersetoriais 79

Portugal 20, 21, 26, 27, 30, 77, 90, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 122

Práticas em saúde 110, 112, 113

## R

Raiva 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Região Central Sul 81, 82, 83, 84, 85, 86

## S

SAN 78, 79, 80, 81, 87, 88

Sociedade 2, 4, 7, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 29, 30, 33, 36, 39, 45, 47, 48, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 72, 75, 81, 123, 126, 127, 130

Sociologia 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 52, 58, 65, 135

## T

Tráfico de Órgãos 123, 125, 127, 129, 130

Transplante de órgãos 124, 126, 128, 130, 132

## U

Unidades de ensino 48, 80

## V

Vargem Alta 78, 79, 82, 83, 84, 85

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**